

PALESTRA



Arte e Natureza

O jardim dos “trognés”* de Dominique Mansion⁽¹⁾

ISABELLE GUILLAUC⁽²⁾

RESUMO

Esse trabalho de pesquisa consiste em colocar as bases de uma dialética entre a evolução da arte contemporânea, (cf. Land art, Earth art, Arte povera, Naturalisme intégral, etc.), e a das florestas urbanas. De fato, a criação da Agenda XXI (cf. Sommet de la Terre de Rio de Janeiro, 1992), incitou os poderes públicos a criar reservas ecológicas no centro das cidades, (cf. La petite Amazonie de la ville de Nantes en France), sendo importante constatar que esses programas de “renaturação” urbana frequentemente são acompanhados de uma incumbência que o poder público dá à um artista. Mas essas reservas da natureza, em seu estado selvagem, fazem realmente parte do domínio público. Sua acessibilidade sugere novos usos urbanos em adequação à sua singularidade. O estímulo a essas novas práticas urbanas passa pela arte que serve como ligação entre os poderes públicos e a população. Portanto o retorno da natureza dentro da cidade não é um assunto novo. Já no século XIX, os parques, jardins e florestas de Paris e do Rio de Janeiro (por sua incomparável floresta urbana da Tijuca) foram criados sobre essa ótica. Ao mesmo tempo, nos séculos XX e XXI, nota-se que a arte e a ecologia passam a revolucionar “A arte de construir as cidades” (Sitte, 1889). Com o intuito de seguir o curso dessas evoluções, eu me posicionei como observadora para mostrar o surgimento da Arte no coração dessas mudanças, estabelecendo nesse contexto aproximações de alguns projetos urbanos, que foram escolhidos, pelo motivo de se mostrar como uma interpretação da floresta penetrando dentro da cidade. A descoberta da obra de Dominique Mansion faz parte da linha deste trabalho de pesquisa.. Porque seus “trognés” são *ready made* que desviam um objeto de um mundo agrícola para fins estéticos. Como todas as obras de arte, os “trognés” de Dominique Mansion não ficam no canto do atelier onde foram geradas, - se fosse esse o caso, elas continuariam no mundo agrícola, origem das mesmas enquanto produto, pois essas obras interessam também ao mundo cidadão criando uma nova abertura no campo dos motivos estéticos.

Palavras-chave: arte contemporânea, florestas urbanas

RÉSUMÉ

Art et Nature

Le jardin des trognés** de Dominique Mansion

Mon travail de recherche consiste à mettre en place les bases d’une dialectique entre l’évolution de l’art contemporain, (cf. Land art, Earth art, Arte povera, Naturalisme intégral, etc.), et celle des forêts urbaines. En effet, si la mise en œuvre des Agenda XXI, (cf. Sommet de la Terre de Rio de Janeiro, 1992), ont incité les pouvoirs publics à créer des réserves écologiques au cœur des villes, (cf. La petite Amazonie de la ville de Nantes en France), il est important de constater que ces programmes de «renaturation» urbaine s’accompagnent bien souvent d’une commande publique faite à un artiste. Car ces réserves de nature, bien que rendues à l’état sauvage, font réellement partie du domaine public. Leur accessibilité entraîne de nouveaux usages urbains en adéquation avec leur singularité. La stimulation de ces nouvelles pratiques urbaines passe par l’art qui sert de truchement entre les pouvoirs publics et la population. Pour autant le retour de la nature dans la ville n’est pas un sujet nouveau. Au XIX e siècle déjà, les parcs, jardins et forêts de Paris et Rio de Janeiro (pour son incomparable forêt urbaine de Tijuca), avaient été créés dans cette optique. Cependant, aux XX et XXI siècles, il semble que l’art et l’écologie révolutionnent «L’Art de bâtir les villes» (Sitte, 1889). Afin de suivre le cours de ces évolutions, je me suis posée en observateur afin de montrer le surgissement de l’Art au cœur de ces changements en établissant des rapprochements avec des projets urbains choisis, par le truchement desquels la forêt pénètre dans la ville. La découverte de l’œuvre de Dominique Mansion s’inscrit dans la lignée de ce travail de recherche. Car ses trognés sont des «ready made» qui détournent un objet issu du monde agricole à des fins esthétiques. Comme toutes œuvres d’art, les trognés de Dominique Mansion ne se cantonnent pas à l’atelier où elles ont été conçues, - serait-ce le monde agricole dont elles sont le produit, car elles intéressent aussi le monde citadin en créant une nouvelle ouverture dans le champ des percepts esthétiques.

Mots clés: art contemporain, forêts urbaines.

*Trognés é o nome comum francês dado aos feios de rosto e às árvores podadas radicalmente, ou seja, retirando a maioria de seus galhos, deixando praticamente o seu tronco - Trognés est le nom commun donné aux arbres têtards ou aux émondes.

Texto traduzido do original em francês por João Maurício Cavalcante Alves

Isabelle GUILLAUC Arquitecta (DPLG 1991). Diplomada da Ecole d’Horticulture Du Breuil, (1979), iguillauc@gmail.com. +330685697132. 15 bd de Strasbourg, 75010 Paris, France

ABSTRACT**Art and Nature.****The "trognés"* garden from Dominique Mansion**

My research consists of setting up the bases of dialectic between the evolutions of contemporary art, (cf. Land art, Earth art, Arte will povera, Integral naturalism, etc), and that of the urban forests. Nevertheless, if the implementation of the Agenda XXI, (cf. Summit of the Earth of Rio de Janeiro, 1992), encouraged the authorities to create ecological reserves in the center of the cities, (cf. "Small Amazonia", Nantes city, France), it is important to point out that these "urban nature programs" are very often accompanied by a command made from the public authorities to an artist who received a mission to improve these programs. Because, these reserves of nature, even if they are returned in a wild state, are really part of the public domain, that makes it necessary to show the interest of these reserves in order to inspire some new uses to the attention of the urban population. What is new is that this mission is more and more often entrusted to an artist who acts as an intermediary between the authorities and the people. In fact, the treatment of nature in the city is not a new subject. Parks, gardens and forests of Paris and Rio de Janeiro (for its incredible urban forest of Tijuca), had been already created accordingly during the XIX century. However, to the XX and XXI centuries, it appears that art and ecology could revolutionize "Art to build the cities" (Sitte, 1889). These changes are still in progress therefore I decided to show these evolutions between art and few urban projects I've especially chosen to carry out the forest in the city. That is why I'm so interested about the work of Dominique Mansion. Because his "trognés" are ready made which turn away an object resulting from the agricultural world for aesthetic proposes. In this context, the Garden of Dominique Mansion, like any work of art, is not confined to the workshop where it is conceived, - even if this is the agricultural world where these "trognés" were product, because they also interest the urban world by creating a new opening in the aesthetic precepts' domain.

* "Trogné" is a French common name for "pollard tree" which means "ugly face"

Keywords: contemporary art, urban forests.

COM O "LAND ART" E O "EARTH ART",

O conjunto do mundo agrícola e "selvagem" se tornou uma obra de arte em potencial. Muitos artistas entraram no combate para salvar as paisagens. Na Itália, "a atitude" da arte Povera tomou ares de uma "guerrilha" conduzida pelo crítico de arte Germano Celant que pacificamente se rebelou contra esse salto de civilização que se precipita no esquecimento de toda uma teoria das paisagens agrícolas. Na França, a floresta avançou em terrenos inacessíveis à mecanização. Assim alguns terrenos foram sendo abandonados e passaram a acusados de "fechar" as paisagens. Ao contrário, a "Grande floresta linear" situada entorno das antigas parcelas lembradas, desapareceu, criando o efeito de "abrir" as paisagens. Se lançando fora desses debates entre paisagem aberta e fechada, o artista plástico francês Dominique

Mansion por sua vez entrou no combate para proteger as árvore drasticamente podadas "trognés". Já que essas árvores que se encontram atualmente em vias de desaparecimento, marcaram sua infância. Esse artista fez esculturas, sem ter usado nem tesoura nem buril para construir a colunata de troncos mortos que cercava o Jardim homônimo, especialmente criado para o Festival Internacional de Jardins de Chaumont sur Loire, que abriga hoje o "Centre et Nature". "O Jardim de Trognés" foi um sucesso, o que lhe valeu uma prolongação de mais um ano no festival (1999-2000): um tempo de exposição excepcional que marcou a memória coletiva. Os "trognés" conseguiram assim superar o tempo e chegar ao século XXI, - isto devido ao artifício hábil da arte, dentro de uma proposta de uma alternativa aberta às novas problemáticas ambientais, (cf. agroflorestal, florestal urbana. Bosque de galhos fragmentados, etc.)



Fotos Dominique Mansion, Ready made : "Jardin suspendu" e "Sculpture paysanne en péril"

QUAL É O LUGAR DOS “TROGNES” NO MUNDO AGRÍCOLA ?

Ou simplesmente, o que é um “trogne”? Um “trogne” é uma árvore regularmente podada, sempre na mesma altura ou nível, com isso suas formas ou deformações são associadas aos usos do mundo rural. Com essa sucessão de podas, os troncos dos “trognos” se deformam. A supressão de seus galhos deixa o tronco desnudado ou descabeçado, modificando sua plástica por um fluxo de seiva que provoca a formação de tecidos celulares que precedem o aparecimento de novos galhos sobre seu tronco ou cabeça, onde os novos ramos foram estimulados pela poda. Daí essas formações de calos, alterações e apodrecimentos que testemunham a atividade da matéria viva da madeira. Dependendo das necessidades de cada árvore, a poda é feita ou sobre os novos ramos (por exemplo, os rejeitos de salgueiros são utilizados para cestaria), ou sobre os ramos desenvolvidos com o intuito de se usar a madeira para aquecimento e suas folhas como forragem para os animais. A variedade de necessidades resultou nessa diversidade das formas. Assim, um *têtard* corresponde a uma poda apical. A “ragosse” descreve uma poda lateral que, além de contribuir para as funções acima de aquecimento e para alimentação animal, fornece material para a arte em madeira, como a fabricação de molduras, o uso em carpintaria, a fabricação de barcos... Existe uma linguagem expressiva para nomear os castiçais ou cabeças de gato, no primeiro caso fala por si, e o segundo indica a presença de múltiplas cepas localizadas na extremidade da madeira para carpintaria. Todas essas formas são reações da madeira às podas. Logo que seus novos ramos rebrotam, a árvore “têtard” desenvolve “touceiras elevadas” - acima do tronco ou ao longo do mesmo. Essas rebrotas são muito apreciadas nas áreas pastoris, pois como estão em altura, estão protegidas dos dentes dos animais. Mas quando essas árvores antigas, às vezes centenárias, deixam de ser podadas, seus ramos se desenvolvem até se tornarem como se fossem árvores jovens. O tronco mãe, enfraquecido por essa sobrecarga, acaba por arrebentar. Como argumentado anteriormente, a exploração dessas árvores ocorre, segundo a necessidade de cada caso (castanheiros, carvalhos, salgueiros, etc.), ou de madeira (para aquecimento, fornos, produção de carvão vegetal...) ou de forragem para animais, ou ainda de frutos (azeitonas, frutos de carvalho, castanhas), e ramos que serão utilizados para uso doméstico e artesanato (cestaria, estacas, cabos de ferramentas,...). As folhas de amoreira eram usadas para alimentar bichos da seda. Outros “trognos” eram utilizados para limitar as parcelas, especialmente na floresta. Na cidade, árvores de parques e jardins (tilias, plátanos, etc.), poderiam ser “conduzidas” como “trognos”, (alguns ainda o são), embora o gosto moderno prefira a sua “forma livre”, obtida por “podas suaves”. Os jardineiros muitas vezes recorrem a práticas agrícolas que eles desviam para fins estéticos ou técnicos, como é o caso da manutenção de árvores alinhadas, que fazem parte da tecnologia de plantar em calçadas, repletas de redes e dutos diversos.

Os “trognos” são, por assim dizer, quase comuns em todas as regiões agrícolas do mundo, onde eles ganham os mais diferentes nomes. Pode ser que o Brasil tenha costumes semelhantes. Assim, convidamos os leitores a entrar em contato con-

osco através da Internet (contatos abaixo) para nos dar o seu depoimento e enviar-nos fotos, de modo que o Centro Europeu de Trognos criado por Dominique Mansion possa aumentar e compartilhar a sua rede de conhecimentos.¹ Depois de duas décadas Dominique Mansion implementou uma estratégia para salvar os “trognos” do esquecimento. Esta mobilização é escrita em cinco datas: 2003, o Centro Europeu de Trognos é formalmente estabelecido em Região Central/, 2002 é aberta a estrada de “trognos”/ 2000 a Casa Botânica abre suas portas ao público/ 1994 o caminho botânico é criado/ 1990, a associação, na época o centro de recreação “atelier vivant” recebe as crianças durante as férias escolares.

O desaparecimento do bosque é o auge da criação de Dominique Mansion, sendo o mesmo o produto de uma síntese original entre naturalismo e arte. Os “trognos” têm se tornado graças a ele objetos, “obras de árvores” autênticas, celebrando a memória de ordem doméstica estimulada pela ecologia.

Volta sobre a gênese de uma obra ativista inédita. Em 1999, os “trognos” do Jardim de Chaumont sur Loire foram retirados de sua terra natal, a cidade de Boursay na Perche Vendômois, em seguida, foram transportados em comboios excepcionais para o campo de Chaumont, onde o Festival Internacional de Jardins é realizado a cada ano. Note-se que estes “trognos” eram apenas troncos mortos. Esses cujo entablamento - ou folhas - tinha desaparecido, foram posicionados para formar uma colunata. Esses troncos monumentais, elevados a obra de arte, davam para ver a entropia que os havia produzido. Antes do transporte, Mansion registrou o posicionamento destas árvores na paisagem, fazendo um inventário de mapas e fotografias em sua memória. Cada um dos “trognos” expostos a Chaumont, foi cuidadosamente numerado, como nos processos científicos empregados pelos naturalistas. A plasticidade dessas árvores foi objeto de um tratamento igual, sendo cuidadosamente registradas por desenhos. O uso do desenho reforça a referência feita às expedições naturalistas, pois esses cientistas usavam-no sistematicamente antes que a invenção do daguerrótipo fizesse concorrência com os pintores. Embora na realidade a fotografia e a pintura tenham sido sempre complementares Os desenhos de Dominique Mansion mostram duas categorias estéticas. A primeira, de ordem técnica, é utilizada para avaliar o tamanho e o peso de cada madeira. A segunda, de natureza artística, considerou formas e detalhes de suas características. Esta última serviu para identificar cada figura em vista da composição da colunata de troncos acima mencionados. O golpe de mestre foi de ter pensado em sublinhar o pé dos “trognos” com um montículo de terra, onde foram plantadas “ervas selvagens”, característica das estradas que fazem fronteira com os “trognos”. Uma horta ocupava o centro da composição, que contrastava com o sentimento de abandono e esquecimento que emanava dos “trognos” que a rodeava.

Qual seria o lugar dos “trognos” no mundo urbano? Em novembro de 2007, a cidade de Asnières sur Seine (comunidade da região parisiense), deu carta branca para Dominique Mansion para a realização da exposição: “Les Trognos” “Biodiversité, Asnières se mobilise”. Graças à conversão de “trognos” em obras de arte, os eleitos municipais de Asnières

ergueram o Ready made de Mansion em símbolos para a biodiversidade das cidades. Neste exemplo, a arte foi claramente o meio da política ambiental da cidade de Asnières. Curiosamente, é este fenômeno de voltar aos "trognes", entre cidade e campo, que permitiu de se esperar a conservação dos "trognes" em áreas rurais.

Sobre as políticas ambientais para o desenvolvimento da biodiversidade urbana, fiquei impressionada pelo fato de constatar que os "trognes" abrigavam toda uma teoria das plantas: hera, flores selvagens, árvores, arbustos, samambaias, musgos, fungos, etc., comparável, em menor medida, às esplêndidas epífitas que crescem nas fileiras de árvores na cidade do Rio de Janeiro (TERRA, 2004). Em maio de 2009, durante minha primeira viagem de estudo para o Brasil, na Floresta da Tijuca a história da qual eu me interessei particu-

larmente, observei o alinhamento das árvores nas ruas de Ipanema, onde estava hospedada. Seus troncos são entrelaçados de uma rede de raízes de Ficus ou decorados com orquídeas. Naquela época, algumas dessas árvores tinham sido esculpidas por André Brandão, que (ao contrário de Dominique Mansion), usou uma tesoura e formões para identificar novas formas de troncos mortos de Ipanema, onde o artista vive e trabalha. As árvores de André Brandão não são Ready made, mas seus troncos foram gravados *in situ*, ainda enraizadas no solo da cidade. Os motivos esculpidos por André Brandão, na madeira bruta dessas árvores mortas, reinterpretem as linhas serpentinas ou os frutos de plantas em que foram fixados. Estes trabalhos originais foram recompensados pela Academia de Artes, Ciências e Letras de França, em 10 de maio de 2009.



Foto da autora. Ipanema, Rio de Janeiro, Maio de 2009. André Brandão árvore esculpida, rua Vinicius Moraes

OS "TROGNES" DO "BOIS DE NANTERRE, EM PARIS

Os "trognes" são o refúgio da biodiversidade. Mas se a idéia do "Jardim planetário", expressa pela primeira vez em um livro - Thomas e o viajante, (CLEMENT, 1997) - que foi objeto de uma grande exposição no Grande Halle de la Villette (1999-2000), tende a minar a díade da vida selvagem e do ordenado, o gosto animado por Dominique Mansion à plasticidade dos "trognes" o impulsionavam para rever as bases de uma estética estabelecida sobre as das formas "livres". Pois os quadros do pintor romântico alemão C.D. Friedrich, enraizados na filosofia ocidental, representam tanto os Pinhos selvagens no quadro "Chasseur dans la forêt" (1814), quanto "trognes" na tela "La cabane sous la neige" (1827). O concurso de urbanismo para o desenvolvimento do

Eixo Histórico de Paris-La Defense vem mostrar seus debates estéticos entre as árvores da cidade e do campo. Em paralelo a esta consulta dirigida pelo Poder Público para o projeto de La Défense (EPAD, 1991), uma "chamada" foi enviada aos artistas, destinada a "enriquecer a reflexão sobre a natureza dos espaços públicos". Do ponto de vista da penetração da floresta na cidade, estudada por meio da estética e da ecologia, o "Bois de Nanterre", proposto pela artista polonesa Magdalena Abakanowicz foi o mais original dos quatro projetos selecionados pelo júri (DAVAL, J-L., 1991). Pois esse é uma síntese inédita entre formas e funções onde a estética e a biodiversidade dos "trognes" serviram de modelo para novas formas de assentamento urbano proposto pelo artista. Magdalena Abakanowicz de fato modelizou 60 torres de 60 a 80 metros de altura com 7 a 30 metros de diâmetro, cujas maquetes evocam a plasticidade dos "trognes".

⁽³⁾ Maison Botanique Atelier Vivant, é o nome de batismo dado por D. Mansion a essa associação de educação ambiental. Ela abriga desde 2003 o Centro Europeu de Trognés, destinado a promover o patrimônio vivo que é a árvore têtard. Seus primeiros objetivos foram a criação do Caminho dos Trognés, e a criação de um centro de recursos. www.maisonbotanique.com ou iguillauc@gmail.com



Magdalena Abakanowicz, "Arboreal architecture", 1991, www.abakanowicz.art.pl/

Nesta ilustração, o "Arboreal Arquitetura" de Magdalena Abakanowicz está em contraste com a geometria do Cubo de La Defense, vislumbrado ao fundo. Especialmente porque as paredes das torres-tronco foram projetadas cobertas com uma malha de tubos de metal usada para a estrutura e transporte de água e nutrientes que alimentam as plantas aí fixadas. "O verde das cidades geralmente é horizontal, apresentando uniformidade. [...] Meu objetivo é criar formas vegetais em altura, que restabeleça a natureza na cidade [...]. A construção da arborescência na escala da arquitetura me leva ao desenvolvimento do conceito de "Vertical Green" podendo aparecer como uma solução aos problemas que enfrentam todas as metrópoles contemporâneas: transformar áreas poluídas e desumanizadas em jardins verticais com a finalidade de criar habitats e renovar completamente a relação do homem com a natureza (Abakanowicz, 1991).

Este artigo se conclui com a citação de Magdalena Abakanowicz que suscita uma questão de ordem estética e ética sobre a presença da natureza na cidade, que é abordado também pelos "trognes" de Dominique Mansion e pelas esculturas de Andre Brandão. De qualquer maneira, o crescimento da floresta na cidade no século XXI parece ser uma das manifestações mais significativas desse desenvolvimento ético-estético, que, ao trilhar os caminhos da arte e ecologia, também afeta o urbanismo e a arquitetura através de várias tentativas de modelar o ambiente urbano. Em 2009, as respostas dos arquitetos consultados pelo governo francês sobre o futuro da Grande Paris, são um sintoma dessa tendência. Tendo em vista que a grande maioria destes tem defendido o plantio de florestas urbanas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABAKANOWICZ, M. Lettre à L'auteur (Jean Luc Daval) mars 1992, In : DAVAL, J-L., **Paris La Défense, l'art contemporain et l'axe historique**: Abakanowicz, Kowalski, Raynaud, Sonfist. Skira, Genève, 1992, p.33-46.

CLEMENT, G. Jones, L., **Une écologie humaniste**, Aubanel, Genève, Suisse, 2006. Thomas le Voyageur, Albin Michel, 1997.

DUMAS, R. **Traité de l'Arbre**, essais d'une philosophie occidentale. Actes Sud, 2002.

GUILLAUC, I. Article «**Les Trognons de Mansion : l'arbre contemporain**» et Entretien «Des Trognons à Almaty : Genèse de la Forêt urbaine», In *Nature Urbaine : Occuper l'espace* Numéro 3, Baptiste LANASPEZE, www.Wildproject.L'Écologie culturelle. Edition multimédia, Janvier 2009 ;

MANSION, D. «**Du jardin des trognons de Chaumont sur Loire au Chemin des Trognons de Boursay**», In : Actes du Premier colloque Européen sur les Trognons, Les Trognons en Europe. Rencontre autour des arbres têtards et des arbres d'émonde, Maison botanique de Boursay, 2007, France. p. 134

SIITE, C. [1889] **L'art de bâtir les villes**. L'urbanisme selon ses fondements esthétiques. L'Équerre. Cahors, France. 1984

TERRA, C. (dir.) DE ANDRADE, R., TRINDADE J., BENASSI, A., **Arborização ensaios historiográficos**, EAB Publicações, Rio de Janeiro, 2004.